

# GÊNERO EM FOCO : A EDUCAÇÃO INFANTIL E A PROBLEMATIZAÇÃO A PARTIR DA PRESENÇA DO HOMEM COMO PROFESSOR DE CRIANÇAS

Francisco Ullissis Paixão e Vasconcelos  
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA  
Universidade de Fortaleza – UNIFOR  
[fupv\\_26@hotmail.com](mailto:fupv_26@hotmail.com)

Fernando Altair Pocahy / UNIFOR  
Universidade de Fortaleza – UNIFOR  
[pocahy@unifor.br](mailto:pocahy@unifor.br)

## RESUMO

Num cenário específico, o da Educação Infantil, com uma figura bem determinada em cena, o docente homem que se aventura nesse cenário, a pesquisa ora pretendida busca abordar as questões de gênero levando em consideração as perspectivas dos Estudos Culturais. A pesquisa busca analisar os discursos acerca da presença do homem na Educação Infantil; identificar as contingências que levam os homens a serem professores de crianças, verificar os desdobramentos no âmbito escolar com a inserção do homem na Educação Infantil, perceber tensões, limites e desafios a partir da inserção do homem nesses espaços. Alguns autores despontam como referencial de reflexão. Dentre eles temos Foucault (1977), Flax (1991) Louro (2003) e (2008). Prysthon (2003) Santos (1996), Silva (2007) e Veiga-Neto (2003). O trabalho desenvolve-se nas fronteiras de uma pesquisa qualitativa, a partir dos referenciais dos Estudos Culturais em sua vertente pós-estruturalista. Utilizamos o método da cartografia social e teremos como sujeitos da pesquisa professores homens que atuam na Educação Infantil, bem como as crianças alunas desses professores, seus pais e seus colegas de trabalho. Os resultados preliminares apontam para o fato de que as mulheres vêm ocupando os espaços da educação infantil legitimadas por discursos que apresentam estas como sendo “seres” sensíveis, capazes de cuidar e confiáveis, defensoras da ingenuidade e pureza das crianças. No entanto, a mais de cinquenta anos, o mundo se deparou com a frase de Simone de Beauvoir que diz “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Embora essa frase tenha sido amplamente difundida pelas feministas, ela não diz respeito apenas a estas. Incide amplamente sobre toda constituição de Gênero, o que aponta para discursos agenciadores dos sujeitos docentes da educação, nunca constituição generificada desse espaço.

**Palavras-Chave:** Educação Infantil. Gênero. Docência Masculina

## INTRODUÇÃO

Tomando o cenário da Educação Infantil, e com uma figura bem determinada em cena, os docentes homens que se aventuram nesse cenário, buscamos investigar a generificação da educação das Infâncias, levando em consideração as perspectivas dos Estudos Culturais que se encontram na

fronteira, numa espécie de intersecção, entre o pós-modernismo e pós-estruturalismo francês. (PRYSTHON, 2003)

Desde muito tempo, embora nem sempre tenha sido assim, as mulheres ocupam os espaços da educação infantil legitimadas por discursos que apresentam estas como sendo “seres” sensíveis, capazes de cuidar e confiáveis, defensoras da ingenuidade e pureza das crianças.

Considerando que para Kant (apud VEIGA-NETO, 2003) a educação abrange o cuidado, a disciplina e a instrução, vemos os discursos acerca da mulher como aquela destinada ao cuidado devido a maternidade, rapidamente tomarem conta da escola e logo tratou-se de reservar a estas a educação das crianças.

No entanto, a mais de cinquenta anos, o mundo se deparou (e alguns se chocaram e ainda se chocam) com a frase de Simone de Beauvoir que diz “ninguém nasce mulher: torna-se mulher (apud. LOURO 2008, p.1). Embora essa frase tenha sido amplamente difundida pelas feministas, ela não diz respeito apenas a estas. Incide amplamente sobre toda constituição de Gênero. Assim podemos trazê-la para os contextos discursivos que envolvem também o “ser homem”. O jeito de ser homem, ou a ideia de que existem coisas da natureza do homem, são igualmente frutos de um discurso que agenciam essa categoria. Como nos diz Louro (2008, p.18), “sim, decididamente, fazer de alguém um homem requer, de igual modo, investimentos continuados. Nada há de puramente “natural” e “dado” em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura”.

Devemos considerar que

a construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. (LOURO, 2008, p. 18)

Daí a importância de se investigar os discursos acerca das questões de gênero na escola, sobretudo no tocante à presença do homem na educação infantil, uma vez que do ponto de vista da legalidade, sobretudo se considerarmos os processos legítimos de ocupação dos cargos públicos, homens e mulheres podem ocupar a função de docentes da Educação Infantil, de igual modo.

Louro (2008) também vai nos lembrar que as transformações no âmbito da cultura são inerentes à sua história, mas que nos últimos tempos essas transformações se apresentam de forma mais visível e mais diversificada. Essa perspectiva nos leva a considerar que no que diz respeito ao campo investigado (a inserção dos homens na educação infantil) também ocorre a mesma coisa e

diversos discursos (reacionários e progressistas) se misturam, se confrontam e produzem algo; exatamente o que nos objetivamos perceber.

## **METODOLOGIA**

Ocupamo-nos de um trabalho em perspectiva genealógica sobre a constituição da Educação Infantil como lugar generificado/r, a partir da análise de documentos oficiais que regulam e regulamentam o trabalho das/dos educadoras/res.

Considerando o pensamento Rabinow e Dreyfus (1995, p. 121, apud. SANTOS, PERES e TOLEDO, 2010) a genealogia busca “em vez de origens, significados escondidos ou intencionalidade explícita, [ver] relações de força, funcionando em acontecimentos particulares, movimentos históricos e história”. Ainda seguindo esse pensamento, para Foucault (2003), genealogia nunca estaria inteiramente separada de uma tarefa crítica. As duas se constituem como fundamentais no pensamento foucaultiano. De um lado a crítica da análise se encarrega das regularidades discursivas, de suas incidências recorrentes; de outro a parte genealógica “(. . .) se detém, em contrapartida, nas séries da formação efetiva do discurso: procura apreendê-lo em seu poder de afirmação, e por aí não entendo um poder de negar, mas o poder de constituir domínios de objetos, a propósito dos quais se poderia afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas”. (FOUCAULT, 2003, p. 69-70 apud. SANTOS, PERES e TOLEDO, 2010)

A pesquisa está fundamentada teórico-metodologicamente nos Estudos Culturais, em seu viés pós-estruturalista, e desde aportes dos estudos de gênero. O contexto dos estudos pós-modernistas, e sua perspectiva desconstrutivista, nos auxiliam nessa trajetória à medida que

Buscam nos distanciar de crenças relacionadas à verdade, conhecimento, poder, o eu e a linguagem, que são geralmente conhecimento, poder, o eu e a linguagem, que são geralmente aceitas e servem de legitimação para a cultura ocidental contemporânea, e nos torna cépticos em relação a tais crenças. (FLAX, In HOLLANDA, 1991, p. 221)

Daí é que pode-se propor uma nova perspectiva para a compreensão das relações de gênero, inaugurado pelas teorias feministas, de forma a não mais olhar essas relações como algo dado e estável, mas percebendo que “tanto como categoria analítica com processo social, é relacional. Ou seja, as relações de gênero são processos complexos e instáveis (ou “totalidades” temporárias na linguagem da dialética) constituídos por e através de partes inter-relacionais. (FLAX, In HOLLANDA, 1991, p. 228)

## DISCUSSÕES

As tensões, estranhamentos e incômodos causados pela presença do homem num espaço culturalmente dito de mulheres, como o caso da educação infantil, mostra-se um campo de análise bastante interessante à medida que os espaços formais de educação têm se constituído como um dos lugares de disseminação dos discursos modernos, uma vez que a Pedagogia e a escola moderna estão ligadas à invenção do conceito de cultura (VEIGA-NETO, 2003).

Outro fato a ser considerado é o de que em todo discurso (falado ou silenciado/ ou silencioso) existe um jogo de poder que produz aquilo que chamamos de sujeitos, sobretudo quando se trata das perspectivas da identidade de diferença. Silva (2007) vai nos falar acerca disso que

A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. (SILVA, 2007)

No contexto educacional formal, percebe-se que além da identidade do professor, que deve atender toda uma lista de exigência de ser e agir, também existem subdivisões dessa identidade, variáveis conforme o nível de ensino. No caso da educação infantil (nível mais básico da educação básica) o professor deve ser meigo, confiável, amoroso, dócil, paciente, cheio de bons valores. Há toda uma cartilha de exigências. Mas à medida que se produz a lista de exigências, também se produziu o ser que atenderia naturalmente a elas: as mulheres. Essa fabricação da identidade da mulher que atende aos pré-requisitos também fabricados para a ocupação de determinados cargos na escola, nos remete ao que Silva (2007) fala ao dizer que

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. (p. 83)

Embora pareça que falamos de um suposto privilégio ou reinado das mulheres, o que a história da educação nos tem mostrado é que este espaço (a educação infantil) durante muito tempo foi o lugar para onde eram destinadas aquelas professoras inexperiente, lugar em que a formação acadêmica não era necessária. Uma leitura possível de tal fato, e que nos revela a presença da cultura machista, é de que esse “lugar das mulheres” era também o lugar dos despreparados, dos incapazes. Aos homens destinavam-se séries mais evoluídas. Tanto o é que Kramer (in. Machado 2005) vai nos dizer que

As atividades do magistério infantil estão associadas ao papel sexual, reprodutivo, desempenhado tradicionalmente pelas mulheres, caracterizando situações que

reproduzem o cotidiano, o trabalho doméstico de cuidados e socialização infantil. As tarefas não são remuneradas e têm aspecto afetivo e de obrigação moral. (p. 125)

E é partindo disso, desse cenário complexo e que carrega uma luta histórica, uma disputa por lugar, discursos que funcionam como engrenagens e um jogo de poder-saber que dissimula, mascara e forja a realidade normalizada no tocante a constituição de gênero e a presença do homem na Educação Infantil é que elegemos como questões norteadoras as seguintes: Porque os homens não ocupam, de forma abrangente a docência na educação infantil? Que discursos existem acerca da presença do homem na Educação Infantil? Que contingências levam os homens a serem professores da Educação Infantil? Quais os desdobramentos no âmbito escolar a partir da inserção do homem na Educação Infantil? Quais os estranhamentos, tensões, limites e desafios a partir da inserção do homem na Educação Infantil?

## **PRIMEIRAS PISTAS DA PESQUISA OU RESULTADOS**

Hoje nos deparamos com o fato de que, cada vez mais, homens vêm ocupando os espaços de educação das infâncias. Não nos arriscaríamos a dizer ainda que foram os novos discursos sobre as questões de gênero e sexualidade que possibilitaram tal retorno, nem mesmo se esse retorno se configura uma nova forma de resistência, no entanto as configurações da educação na atualidade fornecem um cenário bastante propício para que olhemos os discursos produzidos em suas proximidades através das questões de gênero e sexualidade.

Tomando as perspectivas de cuidado trazidas por Campos (1994), podemos perceber que as primeiras questões sobre o cuidado na educação já traziam às professoras<sup>1</sup> como sendo pessoas dispostas a “limpar, cuidar, alimentar e evitar riscos de queda e machucados. Essas atribuições nos levam a imaginar os desdobramentos práticos que essas atividades requerem, por exemplo, o limpar. O que estaria sendo dito aqui como limpar, considerando que estamos falando de crianças de 4 e 5 anos, esta diretamente ligado com a higiene íntima, com o banho... e são esses os momentos que talvez a presença masculina gere maior incômodo.

Cavalleiro (2010) vai trazer três opiniões informais, que mais surgiram em seus estudos ao longo dos anos, quanto a presença do homem na educação de crianças. Segundo estas opiniões os professores de criança não gostam de mulheres, não devem tocar nas crianças nem banhá-las ou vê-las nuas por ser um ato de atentado ao pudor e os professores homens não têm autoridade com as crianças.

---

<sup>1</sup> Trazemos aqui “professoras” pelo fato de a autora apontar como sendo estas as profissionais que ocupam a função de docente na educação infantil, sendo o número de homens nessa época insignificante.

Essas posições marcadas pelas questões de gênero e sexualidade apontam para a suposta natureza do homem, pintando este como um pedófilo em potencial, um verdadeiro risco à segurança das crianças. O que encontramos nos discursos é uma abjeção da figura do homem na educação infantil “sob a alegação de que o risco de abuso sexual aumentaria (...). Isto coloca ênfase na sexualidade masculina enquanto a sexualidade feminina nunca é levada em consideração (JENSEN, 1993, s.p.)”.

Embora o fenômeno da presença do homem na educação infantil seja relativamente recente na modernidade, este é balizado por discursos e agenciamentos antigos; por meios de capturas que transcendem às questões mercadológicas e passam pela produção dos sujeitos e suas sexualidades.

Vemos, na verdade, uma formação discursiva que amalgama o trabalho docente e a prática educativa a partir dos dispositivos de gênero e da sexualidade, fundamentada no conjunto de códigos morais acionados em documentos e regulamentações na formulação de políticas públicas e na formação docente na Educação Infantil, sobretudo ao sugerirem uma suposta essência presente nas mulheres, que lhes dá certas competências (reguladas e fixadas) para ocuparem este espaço, acionando performatividades de gênero e prescrições para as experimentações da sexualidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados parciais apontam para o fato de que a presença do homem na educação infantil, balizada por documentos oficiais da educação, está regida por ideais regulatórios heteronormativos na definição das competências para o trabalho na educação infantil.

Os discursos oficiais e informais territorializam a figura da mulher-professora, destinada naturalmente a este lugar, sugerindo nada sutilmente que os homens são uma sorte de “alienígena em sala de aula”, um perigo a ser afastado, considerados “impróprios” para o cuidado, uma espécie de violadores da ingenuidade infantil.

## **REFERÊNCIAS**

CAMPOS, Maria Malta. **Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional de educação infantil.** In: MEC/SEF/COEDI. **Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil.** Brasília, 1994.

CAVALLEIRO, E. S. **Considerações sobre a etnografia na escola e prática investigativa sobre as relações raciais e de gênero.** In: WELLER, E. PFAFF, N (orgs). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: Teoria e prática.** Petrópolis: Vozes, 2010.

FLAXLAX, J. **Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista** (pp. 217 – 250). In H. B. Hollanda (org.) **Pós-modernismo e política.** Rio de Janeiro: Rocco. 1991.

JENSEN, J. J. **Homens em serviços de cuidado de crianças - um artigo para discussão.** In: **Seminário Internacional Homens no cuidado de crianças: visando uma cultura de responsabilidade, divisão e reciprocidade entre gêneros no cuidado de crianças.** Ravenna, Itália: 21- 22 de Maio de 1993.

KRAMER, Sonia. **Formação de profissionais de Educação Infantil: questões e tensões.** In: Machado, Maria Lucia de A. **Encontros e Desencontros em Educação infantil.** 2 ed. São Paulo : Cortez. 2005.

LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** Pro-Posições, Ago, 2008, vol. 19, n.2, p. 17-23.

PRYSTHON, Ângela. **Estudos Culturais: uma (In)Disciplina?** Comunicação e Espaço público, Ano VI, nº 1 e 2, 2003.

SANTOS, Cíntia Helena das; PERES, Wiliam Siqueira; TOLEDO, Livia Gonsalves. **Genealogia: da emergência às potencialidades Contemporâneas.** Revista de Psicologia da UNESP 9(2), 2010.

SILVA, T. T. **Identidade e diferente: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

VEIGA-NETO, A. **Cultura, culturas e educação.** Ver. Bras. Educ. 2003. (online) n.23, PP 5-15. Disponível em : <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000200002>> Acessado em 13 de maio de 2013.